

Editorial

Our concern on this “500 years Eve” was to develop a sketch of the space where, at this time, Brazil is inserted. We aimed to define features that encompass actual history, dealing with multiple questions, where the general background of globalization establishes the problems over peace, over the transformations on the process of capital becoming wordly-wide, over political universalism, which interweave themselves with the analysis of culture, of development, of future construction (view through Colômbia) and with the discussion of elements in the present economic dynamics (an example of this being an article about the corporate finance of american firms).

As we see in these two last points, we use specific topics to underline new lines that arise and emerge in the wordly geometry. They capture local effects of globalization, but that in a way or another may allow to brazilians ideas, suggestions, comparisons, etc. In sequency, we enter with subjects that analyse Brazil internal and externally. They are: the national identity question, the phases of brazilian foreign policy, the relationship of the entrepreneurial elite before globalization and democracy and brazilian international trade. Naturally, as “gaúchos”, something from Rio Grande do Sul on the field of 500 years was considered: the technological capacitation in the machines tools industry and the “gaúcho” industrial competition in the framework of Mercosul.

And so as no one may say we did not talk about theory, the answer is in the texts that deal with capitalism, space and time and about capitalism and one of the forms of capital, that is, finance capital. It seems thus that the sketch of the place where Brazil – and Rio Grande do Sul – are inserted in the eve of 500 years, finds here a circumference that embraces plurals and uneasies and glowing itens with some solutions and diverse itineraries.

The Editor

Editorial

Nossa preocupação, nesta véspera dos 500 anos, foi desenvolver um esboço do espaço onde está inserido, neste momento, o Brasil. Procuramos definir aspectos que envolvem a história atual, tratando de questões múltiplas, onde o enquadramento geral da globalização situa os problemas sobre a paz, sobre as transformações da mundialização do capital, sobre o universalismo político e que se entrelaçam com a análise da cultura, do desenvolvimento e da construção do futuro (vistas através de Colômbia) e com a discussão de elementos da dinâmica econômica presente (sendo exemplo disso um artigo sobre o "corporate finance" das empresas norte-americanas).

Como vemos, nestes dois últimos pontos, usamos tópicos específicos para sublinhar linhas novas que surgem e emergem na geometria mundial. Eles captam efeitos localizados da globalização, mas que, de um modo ou de outro, podem permitir aos brasileiros idéias, sugestões, comparações, etc. Na seqüência dos trabalhos, entramos em temas que analisam o Brasil interna e externamente. Ei-los: a questão da identidade nacional, as fases da política externa brasileira, a relação das elites empresariais diante da globalização e da democracia e o comércio internacional brasileiro. Naturalmente, como somos gaúchos, algo do Rio Grande no âmbito dos 500 anos foi contemplado: a capacitação tecnológica da indústria de máquinas-ferramentas e a competição industrial gaúcha no marco do Mercosul.

E para não dizer que não falamos de teoria, a resposta está nos textos que tratam sobre capitalismo, espaço e tempo e sobre o capitalismo e uma das formas do capital, a do capital financeiro. Parece, assim, que o esboço do lugar onde o Brasil e o Rio Grande do Sul estão inscritos na véspera dos 500 anos encontra aqui uma circunferência que enlaça plurais, inquietantes e candentes itens com algumas soluções e diversos itinerários.

O Editor